

DESAFIOS DO PIBID EM GRAJAÚ-MARANHÃO: TRABALHANDO A TEMÁTICA INDÍGENA FRENTE A INVISIBILIDADE HISTÓRICA¹

Autora: Cynthia Helena Chaves Oliveira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cynthiahcoliveira@gmail.com

Orientador: Prof. Ms. Francisco Vale Lima
Universidade Federal do Piauí – UFPI, fidescaritas@hotmail.com

RESUMO

É sabido que ainda vivemos em uma sociedade permeada por uma visão colonial onde o índio ainda é representado como um ser ligado à natureza. O presente artigo objetiva abordar os desafios encontrados no PIBID ao trabalhar a temática indígena frente à invisibilidade histórica, com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola de Grajaú, Maranhão. Como tática de intervenção, buscou-se desconstruir alguns discursos negativos construídos pelos alunos/as acerca do índio, o que veio a demonstrar o quanto a sociedade grajauense encontra-se engendrada numa perspectiva etnocêntrica. A metodologia se pautou na ministração de aulas expositivo-dialogadas visando a interação educador-educando, bem como a realização de oficinas que objetivaram aproximar os estudantes da realidade dos indígenas presentes no município. Para dar fundamento às informações coletadas, norteou-se em: Alcântara (2015), Antunes (2001), Coelho (2002), Quijano (2010) e, Santos (2010).

Palavras-Chave: PIBID; Temática Indígena; Invisibilidade.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem por objetivo auxiliar os acadêmicos na sua formação profissional, visando à obtenção de conhecimentos a partir da prática docente. No Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (Campus Grajaú), o Projeto PIBID é organizado em subprojetos diferentes por escola, porém, sem se desviar do projeto geral “Conhecendo Grajaú Através da História e da Geografia”. No ano de 2015, o subprojeto a qual é pertencente essa pesquisa, teve como meta trabalhar a cultura indígena e negra de Grajaú nos seus aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos. Todavia, para esse artigo, deter-nos-emos apenas no que concerne à cultura indígena.

Para dar corpo aos dados coletados, se utilizou da pesquisa bibliográfica, norteando-se nos seguintes autores: Alcântara (2015), Antunes (2001), Coelho (2002), Teixeira; Carvalho; Silva (2010), Quijano (2010) e Santos (2010).

Os sujeitos escolhidos para a execução do subprojeto foram alunos/as do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental. Os procedimentos metodológicos se basearam na ministração de aulas

¹ O presente trabalho visa evidenciar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Educação Básica e na formação inicial dos futuros docentes.

expositivo-dialogadas visando o debate em sala de aula, visto que, de acordo com Antunes (2001, p. 43) “só se aprende quando o novo que chega se associa ao antigo que a mente guarda, e nenhum aluno chega à escola com a mente vazia”. Essa relação educador-educando proporcionou a coleta de dados com relação aos discursos negativos que os estudantes manifestavam acerca do índio. Priorizou-se também a realização de oficinas que permitiram uma maior aproximação dos discentes com a realidade dos indígenas de Grajaú. Ao final do subprojeto, ocorreu a culminância que pôde evidenciar a *aprendizagem significativa* dos educandos. Antunes (2001, p. 30) denota que a aprendizagem significativa, impulsionada por David Ausubel, é a situação “em que se empresta significação ao que se aprende e que mais facilmente se guarda”, foi nessa perspectiva que se buscou desenvolver o projeto PIBID.

O CONTEXTO DA DIVERSIDADE/COLONIALIDADE EM GRAJAÚ

A cidade de Grajaú tem sua fundação marcada por conflitos interétnicos entre índios e não-índios. Coelho (2002) deixa bem claro a intenção da estratégia civilizatória chamada “pacificação dos selvagens” para uma povoação em Grajaú, ao citar a determinação do presidente da província do Maranhão, Silva Gama, em 1817, no qual ordena:

[...] situar, civilizar e meter em tráfico moral os índios selvagens daquele contorno... Se algumas dessas nações corresponder atraçoadamente à fiel aliança com que forem tratadas, deve-se depois de esgotados os meios suaves, fazer-lhes reconhecer pela seriedade da punição quanto devem respeitar o poder das nossas forças e como será proveitoso viverem na nossa aliança e aproveitarem-se fielmente dos subsídios com que lhes procuramos a sua felicidade no gozo daquela paz civil que não conheciam. Todos os índios que forem aprisionados nestas ações hostis deverão ser remetidos para a capital pois não poderá ficar um índio só com a mínima aparência de escravidão para que não entre na isca destes infelizes e desconfiadíssimos selvagens que pode caber na magnanimidade e benevolência de quem os socorre vil proteção de os chamar cativo” (Of. n.º 1.426, 1817, liv. 1, apud COELHO, 2002, p. 106).

Segundo Alcântara (2015, p. 24), “[...] esse sentimento de ‘conquista da civilização’ sobre ‘selvagens’ e ‘primitivos’ ressoa até hoje na cidade. Onde índios ainda são vistos como povos atrasados, ignorantes, sujeitos, deseducados”. É nesse sentido que se expressa a *Colonialidade* em

Grajaú, a população indígena ainda compõe a camada inferior da sociedade, sendo privados do acesso aos bens materiais e culturais produzidos.

Grajaú, segundo dados mais recentes do IBGE (2010) acolhe mais de 60 mil habitantes. No que tange à caracterização da população quanto à “cor ou raça” (termos utilizados pelo IBGE que podem indicar a questão étnico-racial), em Grajaú, 476 pessoas se declararam “amarelas”, 15.369 pessoas se declaram “brancas”, 4.135 pessoas se declararam “indígenas”, 37.430 pessoas se declararam “parda” e 4.483 pessoas se declararam “pretas”. Diante de uma rica diversidade, o município ainda é engendrado num etnocentrismo que tende a excluir índios e negros. A população indígena é composta pelos *Guajajaras* ou *Tentehar*, autodenominados *Tenetehára* que significa “somos os seres humanos verdadeiros” e que às vezes eles simplesmente traduzem por “índios”. Em uma entrevista com a cacique da aldeia Canto do Rio, também monitora da saúde indígena pela FUNASA, Heloísa Bento de Sousa Lima Carvalho, informou que atualmente no perímetro urbano da cidade de Grajaú se localizam 19 aldeias, sendo elas: Morro Branco; Jacaré; Escondida; Cumaru; Piçarra; Pequizinho; Japão; Poço Velho; Buritizal; Bonito; Faveira; Areinha; Formigueiro; Boa Esperança; Bela Vista; Cacique Davi; Buritizinho; Macaúba; e Velho Morro.

O PIBID FRENTE AO DESAFIO DA INVISIBILIDADE INDÍGENA

Apesar de haver diversas aldeias presentes no espaço urbano de Grajaú – como foi descrito acima pela cacique – esse número ainda é desconhecido pela população grajauense, isso vem a demonstrar a *invisibilidade social* que Santos (2010) esclarece que é como se ‘o outro lado da linha’ desaparecesse enquanto realidade, justificando o desinteresse para com a cultura indígena em Grajaú. É frente essa invisibilidade social dos indígenas que nos desafiamos a trabalhar com tal temática.

A lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, compete à obrigatoriedade do estudo da história e da cultura indígena no ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas. Entretanto, com base no que foi observado na prática docente no PIBID, nota-se que a lei não está sendo aplicada conforme deveria, visto que, o conhecimento dos alunos com relação aos indígenas continuava restrito ao “descobrimento” do Brasil. Para Sampaio (2009, p. 1, apud TEIXEIRA; CARVALHO; SILVA, 2010, p.79):

A escola é muito culpada por essa ideia de que não há mais índios perto de nós, porque retrata os índios no passado. Pegue um livro de História do Brasil e vai estar escrito que os

índios viviam em tal aldeia, com tais costumes, tudo no passado. A razão da invisibilidade é essa cultura escolar defeituosa que temos.

No ato do debate sobre a cultura indígena em sala de aula, todos os discentes, sem exceção, manifestaram discursos negativos sobre os indígenas, algo que veio a nos surpreender na prática docente, visto que, para início de conversa, os discentes falavam nos indígenas como se fossem sujeitos homogêneos, que tivessem a mesma cultura e os mesmos conhecimentos e práticas em todo o mundo. Dentre a fala dos alunos/as, destacamos os seguintes discursos:

“Olha, eu acho os índios estranhos, tenho medo deles, porque minha família também não gosta, minha vó contava umas histórias...” (Aluna 8ª ano).

“Os índios tão meio que deixando de ser índio! Olha Grajaú, os índios andam de carro, com celular e tudo” (Aluno 8ª ano).

“Os índios têm um cheiro estranho. Tem uma menina que estuda na nossa sala, ela não fala com ninguém e a gente também não fala com ela. (Aluno 7ª ano).

Como tática de intervenção buscou-se contextualizar os educandos dentro da temática indígena através da leitura de textos que falassem sobre diversidade cultural e que contassem um pouco da história dos indígenas do Brasil e do Maranhão. Em uma tentativa de amenizar os discursos negativos dos discentes acerca dos índios, foram apresentadas “As 10 mentiras mais contadas sobre os indígenas” selecionadas por Lilian Brandt (2014), nas quais apresentam algumas ideias negativas a respeito do índio que são transmitidas historicamente e que têm por finalidade tornar o indígena invisível socialmente, para que, assim, não se tenha preocupações com o mesmo.

A realização de oficinas também foi de extrema importância no desenvolvimento dos discentes, priorizaram-se as oficinas de pinturas indígenas e danças, visando uma maior aproximação com os aspectos culturais, e, oficinas de artesanatos, que teve como objetivo conhecer os aspectos econômicos da cultura indígena de Grajaú. Na oportunidade, procurou-se conhecimentos sobre a língua materna dos Guajajaras (a língua Tentehar) com o vigilante da escola, que por sua vez, é indígena, sendo esse fato ainda desconhecido por muitos educandos e professores (dando a perceber, mais uma vez, o processo de invisibilidade indígena em Grajaú), contudo, ao saberem da caracterização étnico-racial do vigilante, os discentes demonstraram um maior interesse em conhecer o dialeto dos indígenas grajauenses.

A culminância contou com a presença de indígenas grajauenses com o intuito de demonstrar para os estudantes que o índio não é só aquele indivíduo que se veste com penas e possui pinturas no corpo, mas um ser humano que possui uma cultura diferente e que também contém o processo de interculturalidade inserido em seu meio.

Diante de todas essas experiências adquiridas ao se trabalhar com a cultura indígena na escola, nota-se o quanto o projeto PIBID tem a contribuir para a formação dos futuros docentes e para a formação pessoal dos discentes, pois, com a culminância, evidenciou-se uma transformação cognitiva dos alunos/as, uma vez que os participantes colaboradores do projeto, demonstraram um novo olhar para com a diversidade, um olhar de respeito e admiração, que pode ser comprovado na fala destes alunos:

“Nossa! Eu não sabia que os índios eram tão legais! Se eu soubesse disso há mais tempo...” (Aluna 8ª ano).

“Agora sei falar muitas palavras na língua dos índios! O pessoal da minha sala pede pra eu ensinar eles (risos)” (Aluno 7ª ano).

“Esse projeto foi muito bom, já estou com saudades dele” (Aluno 7ª ano).

Portanto, percebe-se que o projeto PIBID é algo que veio a contribuir na realidade escolar, tornando os discentes mais reflexivos quanto à temática indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grajaú é uma cidade que possui uma rica diversidade, passível de vários estudos relacionados à questão étnico-racial, todavia, com o que foi observado na prática docente mediante o projeto PIBID, pôde-se aferir que ainda possuímos uma herança colonial que tende a excluir as minorias - como os índios e os negros - da esfera social. Percebe-se também que há um processo de invisibilidade indígena no município, quando há presentes diversas aldeias no espaço urbano da cidade que ainda é desconhecido por muitos.

Trabalhar com a cultura indígena em sala de aula fez confirmar o que preconiza Santos (2010) ao dizer que a discriminação para com os grupos étnico-raciais se derivam de uma injustiça cognitiva global, pois, quando se desvela os discursos negativos construídos acerca do índio, nota-se que há uma mudança na percepção dos discentes para com os indígenas, passando a respeitá-los

e admirá-los. Acredita-se que as escolas de Grajaú deveriam fazer valer a lei nº 11.645, desta forma, poderia se amenizar a discriminação racial no município.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID do curso de Ciências Humanas da UFMA tem beneficiado muitas escolas municipais de Grajaú. Trabalhando com a temática “Conhecendo Grajaú Através da História e da Geografia” os discentes descobriram e aprenderam mais sobre sua realidade local, de uma forma mais dinâmica e atraente.

Ao findar o projeto, notou-se que os alunos obtiveram uma aprendizagem significativa no que se refere à cultura indígena de Grajaú, e os acadêmicos obtiveram experiências para saber lidar com os ensinamentos sobre a temática indígena frente à invisibilidade histórica. A atuação dos acadêmicos na escola também deixou uma semente de motivação os professores que já se encontrava desestimulados a renovarem suas metodologias em sala de aula. Em estudos futuros, pretende-se discorrer sobre os desafios ao se trabalhar com a cultura negra de Grajaú.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. Diversidade e Colonialidade em Grajaú-MA: Desafios para a Formação de Professores. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 1, p. 108-125, 2015.

ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. **Formação para a diversidade? Desafios da formação de professores em Grajaú-MA**. 2015. 202 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas). Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia a dia**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 29-60.

BRANDT, L. As 10 mentiras mais contadas sobre os indígenas. 2014. Disponível em: <http://www.axa.org.br/reportagem/as-10-mentiras-mais-contadas-sobre-os-indigenas/> Acesso em: 28 Ago. 2016.

COELHO, Elizabeth Maria B. **Territórios em confronto: a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão**. São Paulo: Hucitec, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

TEIXEIRA, S. S.; CARVALHO, D. S.; SILVA, J. M. da. História e culturas indígenas na escola: museu e ação cultural. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 19, n. 33, jan./jun. 2010.

